

Boi-Delírio, Pintadinho-Baralho, Escola-Rua

Arthur Constantino Dutra da Silva

Ibiraçu, Espírito Santo, Brasil

professorarthurdutra@gmail.com

Doutorando em Educação Matemática
Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes)
<https://orcid.org/0009-0005-6963-5658>

“Cruz credo, professor, isso é macumba!”

A voz veio fina, cortante. Um fio de navalha atravessando o ar morno da sala, abrindo uma fenda invisível entre o que era permitido e o que ousava nascer ali. Não era só fala, era ruptura, um interdito. O silêncio depois foi mais denso que antes, silêncio que respirava. Medo.

Medo é bicho vivo; não se explica, se sente. Ele rasteja por baixo da pele, arrepia, se aninha na nuca, cresce devagar, como mofo em parede úmida. Eu senti; estava ali, em mim, neles. O baralho tremia na minha mão. Ou era eu?

As cartas suavam comigo. Papel vagabundo, impresso em casa, tinta barata, mas não, não eram só cartas, nunca foram. Exalavam um cheiro bruto, quente, quase animal, ruas de pedra estalando ao sol, suor de gente apertada em festa, cachaça virando no corpo; aquilo tinha peso, tinha pulso, couro, tambor, terra batida; um batuque surdo parecia nascer dentro das cartas e subir pelo meu braço, ocupando o osso, o sangue, a cabeça. Um chamado.

Eu vi o olhar da menina. Espanto, medo, rejeição; um espinho. Ali estava a distância, não entre aluno e professor, mas entre mundos, entre o que podia existir e o que já existia, o novo ainda não tinha sido permitido.

“É sim”, eu disse, meio rindo, ainda sangrando. “Mas é mais que isso... é vida.” E era. No fundo, eu sabia, sabia demais, talvez por isso o medo, aquilo não era só aula, era outra coisa, um limiar; uma fresta aberta no tecido grosso da realidade escolar. Um risco. E começava sob mau presságio, forte demais pra durar?



Oitavo ano, sala pequena, paredes descascadas, adolescência, corpos inquietos, presos em cadeiras duras, energia represada, prestes a explodir ou apodrecer. Disciplina ali não educava, abafava. O currículo, um senhor de terno cinza, cheirava a arquivo morto; chicote na mão, batia sem tocar, tirava cor, tirava corpo, tirava desejo. A Matemática... morta. Um cadáver mal enterrado entre livros didáticos; no formol, sem sangue.

E eu ali, com um baralho que respirava. Eles olhavam, não viam; ou viam o que lhes ensinaram a ver? Perigo, pecado, erro; o Diabo, sempre ele, escondido entre paus e espadas.

“O Boi morreu...”, murmurei. A frase saiu pesada, como se viesse de longe, “O Boi morreu.”

E então, um estalo; não no ouvido, na espinha.

Olhos de jabuticaba, fundos, escuros, vivos. Avançou. Pegou as cartas; e tudo mudou de lugar. O ar ondulou. Primeiro leve, depois mais denso. O batuque, antes distante, agora vinha pelo chão, pelas pernas das carteiras, subia pelas paredes, tomava o teto. A escola não segurava mais. O Boi Pintadinho, imóvel até então, estremeceu; não era desenho, era carne, era músculo, era bafo quente de bicho vivo.

Uma poeira fina ergueu-se no ar, como se alguém tivesse sacudido o invisível; as cartas dançavam, quase imperceptíveis, vibrando. A menina sorria. Não era mais aluna, era outra coisa, uma iniciada? Ela jogava. E, no gesto simples de jogar, havia entrega.

As cartas deixaram de ser símbolos, tornaram-se sinais, tambores, chifres, passos, gente. Chamavam. Um futuro estranho, torto, perigoso (irresistível?). O medo não sumiu; mas virou vertigem, “construa e eles virão”, a frase, perdida em tardes de televisão, voltou como profecia barata e certa. Quem diria.

O medo não sumiu, aquietou; nunca some, só muda de forma, recua como quem observa. Alguém precisava romper; e rompeu. A sala começou a virar outra coisa, não de uma vez, devagar, como febre, contagiando. Os alunos se mexiam mais, falavam, inclinavam-se, organizavam-se sem perceber, criavam lógicas onde antes só havia recusas.



Perguntas surgiam, conexões, alegorias, o caos ganhava desenho, meu corpo balançava inteiro, não era mais nervoso.

“Olha o professor!”, alguém gritou. “Ele está dançando! Olha lá!”

E estava. Não só eu, tudo. A sala cedeu; as paredes de Ibirapu dissolveram-se como açúcar na água quente, finaram-se até desaparecer; e então, Muqui. Ruas estreitas, vivas, suadas, cheiro de terra, de corpo, de bebida, de urina; gente, música, calor. A escola já não era escola, era festa, era vida.

Aquele saber “menor”, de beira de calçada, entregava ali uma presença que livro nenhum ousa: o agora. Onde terminava a sala e começava a rua?

As partidas começaram. Os alunos contavam cartas, passos, tempos, sem saber, faziam matemática. Mas não a Matemática morta; uma matemática pulsante. Multiplicação virou multidão, corpos somavam-se, a distância, antes inimiga, virou assombro, aproximou. Milagre, espaço de criação.

O Boi Pintadinho já não cabia em definição, não era objeto, era acontecimento, bufava, sim, mas de alegria, era desordem fértil, era um idioma que a escola insiste em esquecer.

E então a pergunta veio, rasteira, será isso? Olhar para fora... para o que sempre estive ali? Não substituir, nunca foi isso, mas reconhecer que o saber não é um só? Ele atravessa, ele mistura, ele nos mistura.

Guardei o pincel, ridículo ele agora. Baixinho, puxei a música, veio como lembrança antiga, quase esquecida.

“Meu Boi pegou campeiro na hora de trabalhar, meu Boi pegou campeiro na hora de trabalhar...”

A voz tremia, ou era o mundo?

“... oh, levanta meu Boi, malhado, oh, levanta meu Boi.”

E ele levantou. O Boi atravessou a porta, simples assim, sem pedir, sem explicar, deixou marcas no granilite velho. Pegadas? Talvez; ou outra coisa. Foi indo embora, o corredor assistiu.

O sol lá fora queimava, novembro aberto, promessas demais; parou no portão, olhou, não sei se para mim, para eles ou para dentro de tudo o que tinha acontecido; um convite ou despedida? E seguiu, rumo ao lugar onde escola e rua deixam de ser coisas separadas; onde o concreto cede ao sonho, onde o real já não basta.

A sala ficou leve; vazia, mas não oca, algo tinha ficado: o som das cartas, o embaralhar, o possível. Nunca mais seria só aula, nunca mais seria só jogo. Talvez ele volte, talvez vire história contada baixo, entre risos e medo; mas a magia, quando acorda, não morre, assim como o medo, ela se esconde, espera, chama.

“Adeus, adeus, Dona Aurora, adeus, adeus, Dona Aurora...”

A última música correu como lágrima.

“... o Boi Malhado que já vai simhora.”

E foi. E no rastro, a promessa de que sempre haverá outro Carnaval.

Boi-Delírio, Pintadinho-Baralho, Escola-Rua

Delirium-Ox, Speckled-Card-Deck, Street-School

Buey-Delirio, Pintadito-Baraja, Escuela-Calle

Resumo

Este relato de experiência, estruturado sob forma de crônica, apresenta a aplicação do artefato "Baralho do Boi Pintadinho". A narrativa descreve o receio inicial do professor-pesquisador sob a lente do realismo mágico latino-americano, revelando como esse sentimento é transmutado pela presença do Boi, que deixa de ser carta para se tornar estrutura prática e conforto docente. A transdisciplinaridade manifesta-se através da "magia" do encontro, convertendo a Matemática em um saber carnal, onde contagem de cartas e ritmo do batuque integram corpo e cultura ao processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Boi Pintadinho. Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Realismo Mágico. Prática Pedagógica.

Abstract

This experience report, structured as a chronicle, presents the application of the "Boi Pintadinho Deck" artifact. The narrative describes the initial apprehension of the teacher-researcher through the lens of Latin American magical realism, revealing how this feeling is transmuted by the presence of the Boi. The figure evolves from a mere card into a practical structure and a source of teaching comfort. Transdisciplinarity manifests through the "magic" of the encounter, converting Mathematics into visceral knowledge, where card counting and the rhythm of the drumming integrate body and culture into the teaching and learning process.

Keywords: Boi Pintadinho. Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Magical Realism. Pedagogical Practice.

Resumen

Este relato de experiencia, estructurado en forma de crónica, presenta la aplicación del artefacto "Baraja del Boi Pintadinho". La narrativa describe el recelo inicial del profesor-investigador bajo la lente del realismo mágico latinoamericano, revelando cómo ese sentimiento se transmuta ante la presencia del Boi, que deja de ser una carta para convertirse en estructura práctica y consuelo docente. La transdisciplinariedad se manifiesta a través de la "magia" del encuentro, convirtiendo la Matemática en un saber carnal, donde el conteo de cartas y el ritmo del batuque integran cuerpo y cultura al proceso de enseñanza y aprendizaje.

Palabras clave: Boi Pintadinho. Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Realismo Mágico. Práctica Pedagógica.